



# Os bumbás da Amazônia: literatura, etnografia e folclorização dos cordões de boi nas versões de intelectuais modernistas (1927-1943)

*Antonio Maurício Dias da Costa\**

## RESUMO

O artigo aborda intercâmbios entre intelectuais do Norte e do Nordeste do Brasil, direta ou indiretamente ligados ao estudo do boi bumbá, como pauta da pesquisa folclórica promovida por Mário de Andrade. São analisadas obras de escritores baseados no Pará nos anos de 1920 e 1930 dedicadas ao que concebiam como folclore amazônico, bem como cartas enviadas por literatos e músicos situados na Amazônia para Mário de Andrade, a partir de sua viagem ao Norte do país em 1927 até o ano de 1943. O estudo propõe-se a entender a oscilação entre dois modos de tratamento do tema do boi bumbá amazônico como folclore: o uso de registros das canções de cordões de bois para o desenvolvimento da arte erudita nacional e as apresentações de bumbás como objeto de estudo da pesquisa etnográfica.

**Palavras-chave:** Amazônia; boi bumbá; literatura; etnografia; folclore.

## **The *bumbás* of Amazônia: literature, ethnography and folklorization of the *boi toupes* in the versions of modernist intellectuals (1927-1943)**

## ABSTRACT

This article discusses exchanges between Brazilian intellectuals from the north and northeast directly or indirectly related to studies of *boi bumbá* within Mário de Andrade's research agenda. This article analysis the work of writers based in Pará during the 1920s and 30s, focusing on their conception of Amazonian folklore, as well as letters sent by literati and musicians from Amazônia to Mário de Andrade during his journey to the country's north

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-101X02304908>

Artigo recebido em 25 de abril de 2020 e aceito para publicação em 9 de dezembro de 2020.

\* Professor da Universidade Federal do Pará / Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém/PA – Brasil. Bolsista de Produtividade CNPq 2. E-mail: [makosta@bol.com.br](mailto:makosta@bol.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0223-9264>.

from 1927 to 1943. This article addresses the oscillation between two ways of treating the Amazonian *boi bumbá* as folklore: using registered songs from *boi* troupes to develop national scholarly art, and the exhibitions of *bumbás* as a focus of ethnographic research.

**Keywords:** Amazonia; *boi bumbá*; literature; ethnography; folklore.

## **Los *bumbás* de la Amazonía: literatura, etnografía y folclorización de los cordones de *boi* en las versiones de los intelectuales modernistas (1927-1943)**

### RESUMEN

El artículo aborda intercambios entre intelectuales del Norte y del Noreste de Brasil, directa o indirectamente relacionados al estudio del *boi bumbá* como pauta de investigación folclórica promovida por Mário de Andrade. Son analizadas obras de escritores basados en Pará en los años 1920 y 1930 dedicadas a lo que concebían como folklore amazónico, bien como cartas enviadas por literatos y músicos situados en la Amazonia para Mário de Andrade, a partir de su viaje al Norte del país en 1927 hasta el año 1943. El estudio se propone entender la oscilación entre los dos modos de tratamiento del tema del *boi bumbá* amazónico como folklore: el uso de los registros de las canciones de cordones de *bois* para el desarrollo del arte erudito nacional y las presentaciones de *bumbás* como objeto de estudio de investigación etnográfica.

**Palabras Clave:** Amazonia; *boi de bumbá*; literatura; etnografía; folklore.

A viagem de Mário de Andrade ao Norte brasileiro em 1927 resultou no contato direto do intelectual com manifestações de arte popular. A expedição, que começou por Belém e mais tarde seria registrada em sua obra póstuma *O turista aprendiz*, resultara também no estabelecimento de relações com literatos e músicos estabelecidos na região. A criação de uma rede de intercâmbio se seguiu a encontros diretos de Mário de Andrade com estudiosos interessados no folclore amazônico, como no caso do *boi bumbá*, temática que se tornou uma das importantes frentes de pesquisa do autor modernista.

Este é o objetivo central deste trabalho: compreender o modo como se processaram as trocas travadas entre Mário de Andrade e seus correspondentes da Amazônia em torno do tema do *boi bumbá*. Há uma clara oscilação entre duas finalidades no estudo sobre os folguedos de *boi* na obra de Mário de Andrade nas décadas de 1920 e 1930: como fonte para o desenvolvimento da arte brasileira e como objeto de pesquisa etnográfica. A tese aqui a ser explorada é que tal alternância resulta do tipo de interação que ele manteve com intelectuais baseados no Norte e no Nordeste do país. Neste trabalho, focalizamos espe-

cificamente os correspondentes de Mário estabelecidos na Amazônia. Esta interlocução está amplamente documentada no acervo de cartas recebidas pelo musicólogo paulista no período de 1927 a 1943, constantes do arquivo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo<sup>1</sup>.

As epístolas trocadas entre Mário e intelectuais do Norte do país – como viria a acontecer com seus correspondentes da Região Nordeste a partir da viagem de 1928-29 – alimentaram um projeto específico de pesquisa sobre o bumba-meu-boi, cujo resultado se distribuiu em obras póstumas organizadas por sua discípula Oneyda Alvarenga: *Danças dramáticas do Brasil* (1959) e *As melodias do boi e outras peças* (1987). O estudo do boi bumbá, desenvolvido a partir dessas colheitas, se orientou pela caracterização do folguedo como dança dramática, que compreendia “as brincadeiras do boi” como manifestação folclórica pautada na unidade temática (dança, texto, música, cantos) em torno de um auto, uma representação tradicional (CAVALCANTI, 2012, p. 357, 372).

A aposta deste estudo é que tal projeto marioandradeano ganhou corpo a partir de trocas intelectuais iniciadas em 1927 com pesquisadores do folclore do Norte e do Nordeste. Com foco nesta questão, poderemos entender como se constituiu uma vertente importante de estudos de folclore no país que se debruçou sobre um destacado folguedo popular no Brasil setentrional na primeira metade do século XX. O mútuo interesse de Mário e seus correspondentes por investigar o boi bumbá (dentre outras manifestações) como tradição popular, orientava-se pelo colecionismo, congelamento e museificação do passado, de modo a recuperá-lo como patrimônio histórico (ORTIZ, 1992, p. 40). É o que Belmont (1986, p. 266-267) define como “ilusão do arcaísmo” nos estudos de folclore. Ao mesmo tempo, as coletas principiadas em 1927 apontam para o reconhecimento da importância dos praticantes das manifestações folclóricas (BOTELHO, 2013, p. 49), fato revelador da busca por “recuperar o popular através do erudito” (BRUMANA, 2006, p. 559).

O engajamento de Mário Andrade com o estudo e a coleta sistemática do folclore do Norte do país, especialmente de cantos tradicionais, de danças dramáticas e de religiões populares, levou o pesquisador a estabelecer trocas epistolares mais ou menos regulares com escritores e músicos sediados na Amazônia. A viagem de 1927 foi o marco para a criação de uma rede de contatos que se manteve em funcionamento (cada vez menos frequente) até o início da década de 1940. Os registros e as ideias trocadas por Mário com os escritores

---

<sup>1</sup> Para esta pesquisa, foram consultadas 42 cartas enviadas a Mário de Andrade no período de 1927 a 1943. Disponível em: Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade.

Gastão Vieira<sup>2</sup>, Bruno de Menezes<sup>3</sup>, Sérgio Olindense<sup>4</sup> e com o músico José Domingues Brandão<sup>5</sup> alimentaram uma trajetória de estudos do pesquisador paulista sobre o boi bumbá amazônico oscilante entre dois polos: a coleta para uso de artistas eruditos e a pesquisa com finalidade etnográfica (“científica”).

O estudo aqui desenvolvido visa compreender a relação entre essas duas abordagens na atividade intelectual promovida por meio da rede de intercâmbios estabelecida por Mário de Andrade na Amazônia entre o final dos anos de 1920 e o início da década de 1940. De um lado, temos o uso do folclore como fato primordial para a arte erudita, característico do assim chamado “segundo tempo modernista”, em que o tradicional e o popular eram vistos como ponto de partida para a nacionalização da arte (CAVALCANTI, 2019, p. 148, 153). Por exemplo, a questão do aproveitamento temático do folclore musical brasileiro pelos compositores eruditos era uma bandeira marcante do envolvimento de Mário com o campo dos estudos folclóricos (CARLINI, 1994, p. 12, 15). No caso paraense, parte da obra poética de Bruno de Menezes tornou-se modelo no circuito intelectual local para a absorção de temas populares no trabalho literário.

De outro lado, a pesquisa de cunho “científico”, “etnográfico”, de danças dramáticas, cantos populares e demais manifestações, era vista por Mário de Andrade como meio de afastamento dos estudos de folclore em relação a trabalhos amadorísticos sobre tradições populares, meramente descritivos e sem método. Nesse caso, a atuação em instituições culturais e a produção de monografias situadas no campo das ciências humanas teriam um fim em si mesmo (CAVALCANTI, 2019, p. 156, 157, 160, 161). Não haveria imediata vinculação da pesquisa folclórica à atividade de artistas eruditos, mas sim uma contribuição para o avanço do conhecimento científico sobre as criações culturais materiais e imateriais do povo brasileiro.

Essas duas vias apontam, nos termos de Ortiz (1992, p. 30-32), para a própria ambiguidade do folclorismo: estar no meio caminho entre as ciências e a popularização do saber. Esta dupla dimensão do estudo das danças dramáticas se fez presente nas coletas e no uso de dados referentes ao boi-bumbá amazônico a partir da viagem de Mário de Andrade de 1927. O material coletado *in loco* durante a expedição e aquele recebido a partir das trocas de cartas realizadas até meados dos anos de 1930 obteve tratamento que, em certa medida,

---

<sup>2</sup> Médico, poeta, pesquisador de folclore e jornalista paraense. Esteve associado à geração de literatos vanguardistas emergente em Belém na década de 1920. Manteve-se atuante nos campos do jornalismo e da pesquisa folclórica até o início da década de 1940. Tornou-se amigo de Mário de Andrade durante sua passagem por Belém quando da expedição amazônica de 1927.

<sup>3</sup> Poeta, ficcionista e folclorista paraense nascido em 1893 e falecido em 1963. Foi líder do Grupo dos Novos e da Academia do Peixe Frito, círculos literários dedicados a inovar as letras no Pará em conformidade com as proposições modernistas que vicejaram no Brasil a partir da década de 1920.

<sup>4</sup> Poeta e jornalista pernambucano atuante ao lado de Joaquim Inojosa e de Ascenso Ferreira no movimento de renovação literária na capital pernambucana iniciado a partir de 1924, com a publicação do manifesto “A Arte Moderna”. É autor do livro “Symphonia Verde - poesias modernistas”, publicado em 1922 (ANDRADE, 2015, p. 148). Era prefeito de Humaitá-AM quando Mário de Andrade por lá passou em sua viagem de 1927.

<sup>5</sup> Maestro, compositor e professor de música nascido em Portugal e estabelecido no Pará desde a infância.

transcendeu o projeto de nacionalização da arte erudita por meio da arte popular (CAVALCANTI, 2019, p. 156). Registros folclóricos sobre o boi que serviram para enriquecer obras como “Macunaíma” (de 1928), tonaram-se objeto de pesquisa científica, como pretendia a Missão de Pesquisas Folclóricas (de 1938), idealizada por Mário de Andrade e tornada possível após sua posse como diretor de expansão cultural do Departamento de Cultura de São Paulo em 1936.

As aproximações e os distanciamentos entre os dois caminhos apontados acima na abordagem do objeto folclórico são aqui discutidos tendo em vista coletas e interpretações do boi bumbá amazônico como dança dramática. As cartas enviadas por interessados no folclore da Amazônia e recebidas por Mário de Andrade a partir de 1927 são tomadas neste trabalho como pistas relativas a efeitos de trocas intelectuais ligadas a um plano de estudos que se assumiu tanto artístico como científico. Paralelamente à reflexão sobre o projeto marioandradiano de estudo do folclore amazônico, este trabalho também focaliza os diálogos travados entre intelectuais baseados no Pará em sua arena de atuação, no que concerne ao interesse pelo boi bumbá. Com esse propósito, são examinados textos em revistas literárias e de variedades paraenses, também situadas no recorte cronológico proposto para o estudo aqui desenvolvido.

Os demais textos coletados na imprensa paraense, paulista e pernambucana foram selecionados de acordo com indicações presentes nas cartas enviadas a Mário de Andrade e situadas no recorte dessa pesquisa. Trata-se de resenhas, entrevistas, comentários críticos, ensaios e informes sobre eventos culturais de autoria dos intelectuais focalizados como sujeitos desse estudo, dentre eles Gastão Vieira, Câmara Cascudo, Bruno de Menezes, Joaquim Inojosa, dentre outros.

## Colheita de canções de boi bumbá junto a intelectuais baseados na Amazônia (1927-1929)

Em uma entrevista concedida ao *Diário Nacional* (SP), em 1927,<sup>6</sup> voltada para as notícias sobre sua viagem à Amazônia, Mário de Andrade afirmava jocosamente que não havia trabalhado durante a expedição. Teria apenas riscado algumas notas e, ao lado de suas companheiras, “perturbado muito casamento, muita ciranda, muito boi bumbá”. Essa informação é corroborada pelo escritor Raul Bopp (1966, p. 76), que relata haver Mário “tirado a noiva para dançar em uma cerimônia de casamento em Itacoatiara”.

O entusiasmo do viajante paulista por eventos dançantes no interior da região não era injustificado. Festas religiosas e cerimônias particulares seriam ocasiões preciosas para se observar a apresentação de cordões de boi e de bichos, como os que foram divulgados pelo pesquisador em seus escritos posteriores sobre danças dramáticas na Amazônia. As

<sup>6</sup> ANDRADE, Mário de. A Ciranda. *Diário Nacional* (SP), 20 ago. 1927, p. 4.

rápidas visitas a localidades no interior em 1927 teriam sido apenas o passo inicial de um programa maior de reunião de dados folclóricos amazônicos, garantido por interlocutores epistolares com quem Mário de Andrade manteve maior ou menor aproximação intelectual e afetiva.

Gastão Vieira, numa missiva de 7 de novembro de 1927,<sup>7</sup> relatou a Mário o trabalho do compositor José Domingues Brandão voltado para a coleta de música folclórica no Pará. No ano seguinte, em 22 de abril de 1928, Brandão firmava compromisso por carta com o pesquisador de São Paulo de enviar cantos populares sem versos, porque só se interessava em registrar as melodias “por achá-las bonitas”<sup>8</sup>. Os cantos foram definidos por Brandão como “música genuinamente brasileira” e sua promessa de envio se assemelhava àquela feita por Bruno de Menezes, em mensagem a Mário em 12 de maio de 1928. O então jovem poeta paraense prometia remeter registros folclóricos “adoráveis” se a amizade entre os dois se solidificasse. Bruno esperava que sua contribuição com textos como “Oração de Santa Catarina” e “Ladainha do Rei Nagô” ajudasse o intelectual paulista a organizar um livro sobre “folclore amazoniense” (sic).

Apesar dos compromissos assumidos, os atrasos no envio das peças folclóricas eram inevitáveis. Gastão Vieira, em correspondência de 23 de novembro de 1928, participava a Mário que não poderia “cumprir a promessa de enviar as ‘cantigas dos bois’ antes de março” do ano seguinte<sup>9</sup>. Em missiva enviada de Manaus em 9 de abril de 1928, Sérgio Olindense informava que a família havia deixado Humaitá definitivamente e que a esposa esquecera os versos das músicas do boi bumbá, das quais a melodia fora já expedida<sup>10</sup>.

Em contrapartida, Mário também remetia presentes aos seus colaboradores como agradecimento ao serviço que prestavam a ele. Na carta destinada a Sérgio Olindense em 21 de janeiro de 1928 (CASTELLO BRANCO, 1970, p. 55-57), o pesquisador paulista comprometia-se a presentear-lo com o seu “Macunaíma” – “que um dia inda há de visitar vocês este ano” –, com partituras de Villa Lobos e com sua obra lançada no ano anterior, “O Clá do Jabuti”. Além disso, Mário punha à disposição de Olindense o seu contato no *Diário Nacional* para publicar “coisas daí, costumes, festas, lendas, vida, o que quiser [...]”.

<sup>7</sup> VIEIRA, Gastão. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Belém, 7 nov. 1927. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL6932.

<sup>8</sup> BRANDÃO, José Domingues. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Belém, 22 abr. 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL1453.

<sup>9</sup> VIEIRA, Gastão. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Belém, 23 nov. 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL6939.

<sup>10</sup> OLINDENSE, Sérgio. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Manaus, 9 abr. 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5506.

No mesmo período, o jornalista Pio Ramos publicava em *A Província do Pará* textos sobre lendas, contos e costumes amazônicos. Os artigos compostos nos primeiros anos da década de 1920 foram reunidos por Ramos em livro em 1925, lançado com o título *De Bubuia: aspectos e assuntos regionais paraenses (Folclore)*. Nos escritos, a exuberância natural e as narrativas míticas de origem indígena são contrastadas com a situação de pobreza dos habitantes das margens de rios e igarapés, o que assinalava a decadência social da região decorrente do declínio econômico causado pela crise da exportação da borracha.

O trabalho na imprensa periódica impulsionou, em grande parte, o movimento de renovação literária no Pará, ao reunir escritores apelidados entre si de “ansiados” (pela modernização das letras) em torno de revistas como *A Semana* (criada em 1918) e *Belém Nova* (fundada em 1923). Crônicas e manifestos publicados nesses dois veículos durante a década de 1920 advogavam a construção de uma nova identidade nacional sob o ângulo amazônico. Ao mesmo tempo, buscava-se intercâmbio com escritores vanguardistas de outras regiões do país, meta nem sempre alcançada, o que levava alguns literatos a denunciar o desinteresse sulista pela literatura do Norte (FIGUEIREDO, 2012, p. 15, 23, 26).

Uma das marcas importantes do projeto renovador de escritores baseados no Pará, neste contexto, foi o entusiasmo pelas manifestações folclóricas, entendidas tanto como manancial inspirador de obras literárias efetivamente nacionais, quanto caminho para a promoção intelectual de uma nova “identidade nacional”. Tal atenção conferida ao folclore era partilhada pelos integrantes do movimento modernista do Recife, que desde 1924 mantinham contato com literatos do Pará.

De acordo com a nota histórica de Theophilo de Andrade no *Jornal do Commercio* (PE), de 8 de maio 1977, Joaquim Inojosa, Ascenso Ferreira e Sérgio Olindense estiveram entre os precursores do movimento de renovação literária na capital pernambucana<sup>11</sup>. Seu ponto de partida teria sido o manifesto “A Arte Moderna”, assinado por Inojosa e que logo recebeu adesão de Câmara Cascudo, no Rio Grande do Norte e de Bruno de Menezes, no Pará. Outra nota na seção “Livros e Folhetos” do *Diário de Pernambuco* de 25 de julho de 1924 confirma essa aproximação, ao apontar que o manifesto de 40 páginas de Inojosa “estuda a influência da nova corrente [modernista] [...] e a sua repercussão no Rio, São Paulo, Pará e Pernambuco”<sup>12</sup>.

Já em fins da década de 1920, o modernismo tornara-se, em círculos eruditos do país, uma espécie de “mito nacional culto”, conforme expressão de Amir Geiger (1999, p. 2). A adesão de intelectuais a esse “mito” implicava algum grau de comprometimento com realidades sociais extra acadêmicas, como interações com agentes do universo do folclore, por exemplo. A abertura do movimento modernista em São Paulo, a partir de 1924, para a missão de “construção do nacional” manteve alinhamento à bandeira central de repúdio às tra-

<sup>11</sup> ANDRADE, Theophilo de. Sessenta anos de jornalismo. *Jornal do Commercio*. Recife, 8 maio 1977, p. 1.

<sup>12</sup> DIÁRIO DE PERNAMBUCO. Seção: Livros e Folhetos. *A Arte Moderna*. Recife, 25 jul. 1924, p. 1.

dições acadêmicas (TRAVASSOS, 1997, p. 12, 15). Com esta postura, literatos como Mário de Andrade e seus correspondentes epistolares, por exemplo, vislumbravam a existência de uma potência criativa do “povo”, capaz de semear a “tradição brasileira” (TRAVASSOS, 2000, p. 52).

Isso explica, conforme testemunhou Raul Bopp, a “curiosidade amorosa pelas coisas da Amazônia” por parte de artistas como Cassiano Ricardo e Menotti del Picchia. Bopp discorre em seu livro de memórias do modernismo sobre as reuniões que ocorriam na pensão em que morava, em São Paulo, na década de 1920. Nos encontros, os presentes se entusiasmavam com narrativas de folclore, de grande interesse para os partidários do “Verde-amarelismo” poético. Em uma dessas ocasiões, Plínio Salgado teria descoberto a Anta como símbolo da nacionalidade, em meio à leitura coletiva de um livro de Antônio Brandão Amorim, *Lendas em nheengatu e em português* (BOPP, 1966, p. 135).

Do lado amazônico, os correspondentes de Mário de Andrade mostravam-se desejosos por publicações e registros artísticos que informassem sobre os avanços e os rumos modernistas experimentados em São Paulo. Na carta de 12 de maio de 1928, Bruno de Menezes lembrava a Mário de Andrade a sua promessa de envio do novo livro, provavelmente referindo-se a *O clã do Jabuti*, publicado no final de 1927<sup>13</sup>. Sérgio Olindense pediu a Mário que remetesse partituras de Villa-Lobos e revistas literárias paulistas<sup>14</sup>. Em outro pedido, solicitava exemplares do jornal *Diário Nacional*, veículo onde Mário trabalhava como crítico de arte<sup>15</sup>. No caso do médico Gastão Vieira, talvez por conta de seu trabalho parcial no diário *O Estado do Pará*, o pedido poderia ser mais específico, como a solicitação de uma resenha de Mário de Andrade divulgada na imprensa paulista sobre o livro de poemas *Catimbó*, escrito por Ascenso Ferreira<sup>16</sup>.

Mário já havia apresentado Ascenso Ferreira ao público paulista antes, na edição de 20 de novembro de 1927 do *Diário Nacional*, onde mencionava brevemente o livro *Catimbó*, lançado no Recife naquele ano de 1927<sup>17</sup>. Ferreira foi apresentado pelo autor como “poeta regional com grande contribuição estética e folclórica para o Brasil”. Na resenha publicada

<sup>13</sup> MENEZES, Bruno de. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Belém, 12 maio 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL4689.

<sup>14</sup> OLINDENSE, Sérgio. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Humaitá-AM, 10 dez. 1927. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5505.

<sup>15</sup> OLINDENSE, Sérgio. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Manaus, 9 abr. 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5506.

<sup>16</sup> VIEIRA, Gastão. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Belém, 10 maio 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL6936.

<sup>17</sup> ANDRADE, Mário de. Ascenso Ferreira. *Diário Nacional*. São Paulo, 20 nov. 1927, p. 9.

em 1º de abril de 1928 (também no *Diário Nacional*)<sup>18</sup>, solicitada por Gastão Vieira, Mário apresentava o autor de *Catimbó* como criador de “poesia moderna pessoal”, de feição “oratória”, invocadora da canção popular e marcada pelo ritmo oriundo do “mundo do folclore”, por isso seu “tom regionalista”, original, ligado à “terra” e ao “povo”.

Mário de Andrade foi um importante divulgador de *Catimbó*, ao mesmo tempo em que manteve outras trocas intelectuais com Ascenso Ferreira e outros interlocutores nordestinos. Ferreira o recebeu em sua viagem ao Nordeste entre 1928-29 em Recife (ANDRADE, 1976, p. 192, 193, 250, 345-348). Dez anos depois, em 1930, o mesmo Ferreira contatou na capital pernambucana os membros da Missão de Pesquisas Folclóricas, recomendados por carta pelo amigo paulista. Na Viagem Etnográfica da década de 1920, Câmara Cascudo o acompanhou em expedição ao sertão para ouvir cantos de boi no engenho Bom Jardim (na Paraíba), do escritor Araújo Lima (CASCUDO, 1934, p. 233).

Outros correspondentes eram estimulados por Mário a publicar em periódicos de São Paulo. Sérgio Olindense, como já mencionado, foi convidado a escrever artigos sobre folclore amazônico em correspondência de 21 de janeiro de 1928<sup>19</sup>. Em missiva de 29 de abril de 1929, Olindense informava ter “estudos sobre Mário de Andrade” e que gostaria de saber onde divulgá-los<sup>20</sup>. Gastão Vieira, por sua vez, informou em diferentes cartas (7 de novembro de 1927, 5 de fevereiro de 1928, 10 de maio de 1928)<sup>21</sup> possuir escritos folclóricos e poemas que gostaria de veicular na imprensa paulista com a intermediação de Mário.

Em companhia dos pedidos e estímulos para publicação, os correspondentes nortistas mantinham o envio de novidades folclóricas para Mário de Andrade. Gastão Vieira expediu ampla documentação com letras de toadas do Boi Pai do Campo, de Belém, que veio a ser reproduzida integralmente na obra *Danças dramáticas do Brasil* (terceiro tomo)<sup>22</sup>, apesar de Mário demonstrar leve descontentamento com a coleta do amigo paraense ao desconfiar de alterações de linguagem nos cantos, possivelmente feitas por Vieira. Sérgio Olindense enviou a Mário músicas de indígenas do Amazonas (retiradas de um relatório da Inspetoria dos Índios de Manaus) acompanhando a carta de 29 de abril de 1929<sup>23</sup>. Em correspondên-

<sup>18</sup> ANDRADE, Mário de. Seção Livros. Ascenso Ferreira. *Catimbó*, Typ. Revista do Norte, Recife, 1927. *Diário Nacional*. São Paulo, 1º de abr. 1928, p. 6.

<sup>19</sup> A menção a esta carta enviada por Mário de Andrade a Sérgio Olindense é feita em missiva de Olindense remetida a Mário em 29 de abril de 1929.

<sup>20</sup> OLINDENSE, Sérgio. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. Manaus, 29 abr. 1929. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5508.

<sup>21</sup> VIEIRA, Gastão. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade: Belém, 7 nov. 1927, MA-C-CPL6932; Belém, 5 fev. 1928, MA-C-CPL6933; Belém, 10 maio 1928, MA-C-CPL6936.

<sup>22</sup> Título do conjunto de textos enviados a Mário de Andrade: “Toadas da época joanina do Grupo Campeão Pai do Campo. Invencível desde 1916 a 1929; Marchas da Comédia ‘O Tesouro Enterrado’; Toadas Avulsas do Grupo Pai do Campo” (ANDRADE, 1959, p. 169-185).

<sup>23</sup> OLINDENSE, Sérgio. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. Manaus, 29 abr. 1929. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5508.

cia de 26 de setembro daquele mesmo ano, Olindense remeteu a São Paulo “bois bumbás à vontade” e avisou que sua esposa estaria organizando uns “bumbás paraenses” (textos? melodias?) para ele<sup>24</sup>.

Nesta missiva de 26 de setembro de 1929, o escritor pernambucano informava a recepção do livro *Ensaio sobre a música brasileira* (de 1928). A obra que procurava “desvendar o caráter do brasileiro por meio de sua expressão musical” (TRAVASSOS, 1997, p. 201) viera a lume no mesmo ano de lançamento de *Macunaíma*, cujo recebimento foi informado por Olindense em 29 de abril de 1929<sup>25</sup>. A composição rapsódica sobre os feitos do “herói sem nenhum caráter”, também no sentido de indefinição da entidade nacional (JARDIM, 2015, p. 87), tomaria o tema musical como modelo de reunião de fragmentos dramáticos, provavelmente com inspiração nas toadas de bumba-meu-boi (CAVALCANTI, 2019, p. 148).

A viagem de 1927 foi importante para a finalização de *Macunaíma*, como exemplifica a presença de toadas de boi bumbá no capítulo “Uraricoera”, parcialmente inspiradas em cantos de boi enviados por Sérgio e Gina Olindense<sup>26</sup>. Embora o esboço da obra estivesse já pronto antes da viagem, *Macunaíma* só seria publicado dez meses após o retorno de Mário a São Paulo, tempo utilizado para revisões e inserções, como lendas do Nordeste enviadas por Câmara Cascudo (SANTOS, 2012, p. 132, 133). Entre os anos de 1928 e 1929, o intelectual paulista expediu a seus correspondentes da Amazônia *O clã do Jabuti*, *Ensaio sobre a música brasileira* e *Macunaíma*, três obras marcantes pelo mergulho na temática brasileira e devotadas ao abramileiramento da arte e da cultura (JARDIM, 2015, p. 80).

Por outro lado, literatos do Norte também repassavam a Mário produções literárias locais dedicadas a temas do folclore e a inovações modernistas. Gastão Vieira entregou pessoalmente ao viajante paulista em 27 de maio de 1927 um exemplar de *Lendas amazônicas* de José Coutinho de Oliveira<sup>27</sup>. A obra lançada em 1916 em comemoração ao tricentenário da fundação de Belém reproduzia contos populares centrados na vida do caboclo amazônico dos tempos da escravidão, repletos de histórias de negros em batuques, lunduns e festas de santo.

<sup>24</sup> OLINDENSE, Sérgio. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Manaus, 26 set. 1929. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5509

<sup>25</sup> OLINDENSE, Sérgio. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Manaus, 29 abr. 1929. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5508.

<sup>26</sup> Em *O turista aprendiz*, Mário de Andrade relata uma apresentação de boi bumbá em sua homenagem em Humaitá, em 16 de julho de 1927. Sérgio Olindense era prefeito da cidade amazonense e conduziu o pesquisador paulista à casa do fundador da localidade onde ocorreria a exibição. O evento é definido pelo viajante como “noitada estupenda, ao luar e à luz dos lampiões” (ANDRADE, 1976, p. 157).

<sup>27</sup> Informação presente em: VIEIRA, Gastão. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade: Belém, 5 fev. 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL6933.

Também Bruno de Menezes, em sua única carta a Mário de Andrade (de 12 de maio de 1928), remeteu dois exemplares da revista *Belém Nova*, publicação quinzenal de “artes e mundanismo”, da qual o próprio remetente fora fundador e diretor<sup>28</sup>. O magazine literário surgido na capital paraense em 1923 era considerado por seus colaboradores como vitrine da moderna geração intelectual, espaço de atuação de jovens poetas e prosadores, defensores de uma estética nova que enfrentavam, nas palavras do remetente, um ambiente “desiludido e indiferente às artes”.

A escrita inovadora dos vanguardistas contemplava também o tema do boi bumbá. Na edição de 28 de junho de 1924 do quinzenário paraense modernista, o então jovem poeta De Campos Ribeiro publicava a crônica “São João de Outros Dias”, em que relembra melancolicamente as “cantigas sentimentais de boi bumbá” que ouvia em sua rua de subúrbio nas “noites enluaradas de junho”<sup>29</sup>. A construção idealizadora da memória de infância, emoldurada pela vida familiar, exaltava as “trovas de bumbás” como “refrão magoado e triste, como todas as cantigas do povo do Brasil”. De Campos Ribeiro evocava em seu texto os “troveiros sem nome” do universo popular.

Outra visão também idealizada dos festejos juninos, mas menos taciturna, foi apresentada na mesma edição de *Belém Nova*, com o título “As festas populares. O Boi Canário”<sup>30</sup>. O texto sem indicação de autoria apresenta os eventos juninos como “tradições passadas, revividas na alma ingênua da nossa gente, nos subúrbios poéticos da cidade”. Novamente, as regiões pobres de Belém são destacadas como reduto idealmente habitado por “gente simples e boa, [com] alegria e satisfação verdadeiras”. A “gente” mencionada seriam os participantes de cordões de bumbás, pássaros e bichos, entre os quais estrelavam a “preta mina” e o “velho africano”, personagens ligados à memória da escravidão.

A retórica exaltadora e idealizadora do “subúrbio” e de seus personagens serviram, no texto, ao propósito de apresentar o Boi Canário como “brincadeira que há muitos anos vem fazendo sucesso” em arraiais onde o “povo diverte-se a valer, até alta madrugada”. A “comédia do Boi Canário” era divulgada na revista tanto como “tradição avoenga [...] de nossa raça” quanto como atração de entretenimento disponível no mercado de festas populares do mês de junho.

É provável que o compositor José Domingues Brandão tenha recolhido, em eventos como esses, os cantos populares enviados a Mário de Andrade junto à sua carta de 20 de

<sup>28</sup> MENEZES, Bruno de. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Belém, 12 maio 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL4689.

<sup>29</sup> DE CAMPOS RIBEIRO, J. S. São João de Outros Dias. *Belém Nova*, v. 1, n. 17, 28 jun. 1924, p. 9.

<sup>30</sup> BELÉM NOVA, “As festas populares. O Boi Canário”, v. 1, n. 17, 28 jun. 1924, p. 12. Mário de Andrade registrou em seu diário da viagem de 1927 à Amazônia que visitou, em 24 de maio daquele ano, o ensaio do Boi Canário e que as notas sobre a visita estariam entre os seus papéis sobre Bumba-meu-boi (ANDRADE, 1976, p. 68).

junho de 1928<sup>31</sup>. O músico destacou na missiva que melodias de cordões de boi foram utilizadas em duas composições suas, as “rapsódias descritivas” números 1 e 2. Apesar de seu interesse, Brandão lamentava que o Boi Canário e “outros bichos da atualidade”, “que o povo aqui tem inventado nada tem de original em música”. Segundo ele, as canções de boi bumbá seriam “deformações” de “uma música que já não é do povo e sim pedacinhos arranjados aqui e ali”<sup>32</sup>. Cantos populares como esses, para Brandão, apenas poderiam no futuro ser chamados de “música nossa”, após sua consagração pelo uso coletivo.

Apesar da advertência do músico paraense, as toadas de boi por ele enviadas a Mário de Andrade foram publicadas em *Danças dramáticas do Brasil* (tomo 3)<sup>33</sup>, além de outros tipos de cantos populares recolhidos por ele e reproduzidos em *As melodias do boi e outras peças*<sup>34</sup>. Ambas as publicações póstumas foram organizadas por Oneyda Alvarenga e fazem parte do acervo levantado por Mário sobre cantos de boi. A provável avaliação de Mário de Andrade para coletas como a realizada por Brandão era de que o registro fora feito “sem intenção etnográfica” e “trabalhado para uso musical artístico”, conforme sua exposição em artigo da *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo de 1936* (ANDRADE, 1936, p. 258).

Portanto, a vinculação literária dos levantamentos de folclore brasileiro era uma condição a ser ainda superada em prol de pesquisas de caráter científico, na perspectiva de Mário de Andrade em meados dos anos de 1930. Caminho diferente seguiam escritores do Norte e do Nordeste que trocavam cartas com o estudioso paulista. É o caso de Bruno de Menezes, que publicou o livro *Versos brasileiros* no final dos anos de 1920 (dedicado a Jorge de Lima) com uma seção final intitulada “Batuque” (PEREIRA, 1993, p. 17). Este suplemento ganharia corpo maior e apareceria novamente no livro *Poesia*, lançado em julho de 1931.

“Batuque” apresentava-se como “poetização da música negra com temas populares” (FIGUEIREDO, 2012, p. 111), versos com temática pioneira no Norte do país, que cantavam o mundo das crenças afroreligiosas, do catolicismo popular, da capoeira, do boi bumbá, das festas de santo, dos sambas noturnos e dos trabalhadores do porto. A obra, que ganharia publicação independente apenas a partir de 1939, já se apresentava em 1931 com dedicatória a escritores seus contemporâneos cujos poemas haviam, de certo, exercido influência sobre Bruno de Menezes. Dentre os homenageados, Ascenso Ferreira, Raul Bopp e Jorge de Lima faziam parte da rede de contatos marioandradianos.

<sup>31</sup> BRANDÃO, José Domingues. [Correspondência]. Destinatário: Mário de Andrade. Belém, 20 jun. 1928. Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL-1454.

<sup>32</sup> *Idem*.

<sup>33</sup> Canções colhidas por José Domingues Brandão e publicadas em *Danças dramáticas do Brasil*: “Dobrado de Marcha”, versos e notações musicais (usado em sua Rapsódia número 2. Mário reporta no livro que encontrou uma versão dele em Humaitá, rio Madeira); “Batismo do Caboclo” e “Fugida do Boi” (usadas em Rapsódia número 2). Brandão enviou para Mário um exemplar comentado das Rapsódias (ANDRADE, 1959, p. 166-167).

<sup>34</sup> Modalidades musicais apresentadas: batuques, modinhas, valsas, sambas e pregões de vendedores.

## Folclore e etnografia nas coletas de boi bumbá (1933-1943)

A década de 1930 foi prolífica na criação de instituições culturais estatais em São Paulo, como o Departamento de Cultura, a Universidade de São Paulo e a estadualização da Escola Livre de Sociologia e Política. Com elas, segundo Sandroni (1988, p. 86, 87), a elite política podia combinar o gerenciamento e o estudo da sociedade, inclusive para além dos limites estaduais. A realização do Curso de Etnografia, ministrado pela antropóloga francesa Dina Dreyfus em 1936 no Departamento de Cultura, abriu caminho para a projeção nacional daquela instituição. Apresentação de estudos em eventos nacionais e internacionais, coleta de manifestações folclóricas em diferentes regiões do país, financiamento de pesquisas antropológicas junto a populações indígenas, publicação regular de trabalhos na *Revista do Arquivo Municipal*, criação de sociedades de etnografia e de sociologia, dentre outros, contribuíram para que a instituição pudesse “pintar o mapa da brasilidade em uma tela paulista” (SANDRONI, 1988, p. 121).

Mário de Andrade era uma das figuras de proa dessa mobilização governamental apoiada e implementada por intelectuais nos anos de 1930. Sob sua direção, o Departamento de Cultura imputava a si o papel de inventariar e divulgar a cultura brasileira, veiculada como símbolo da nação conforme os interesses de seus integrantes (BRUMANA, 2008, p. 72). Dentre estes, estava a atribuição de uma orientação científica aos estudos de folclore, apoiada na atuação da Sociedade de Etnografia e Folclore (SEF). A publicação pelo departamento do manual *Instruções práticas para a pesquisa em Antropologia Física e Cultural*, elaborado por Dina Dreyfus, é um exemplo do esforço de preparar pesquisadores de folclore segundo procedimentos adotados nas ciências humanas (BRUMANA, 2008, p. 74). A autora do manual concebia folclore como o estudo de manifestações culturais de povos civilizados. Por sua vez, Mário de Andrade considerava as manifestações populares-folclóricas como expressões primitivas e desagregadas do mundo moderno (VALENTINI, 2010, p. 108, 121).

Segundo Valentini (2010, p. 19, 23, 33), o Curso de Etnografia do Departamento de Cultura e a criação da SEF seguiam o modelo de instituições francesas da época, beneficiadas parcialmente por coleções oriundas de estudos etnográficos em possessões coloniais, tais como o Musée de l’Homme e o Musée des Arts et des Traditions Populaires. De acordo com a autora, a montagem de coleções etnográficas e folclóricas seria a meta de um “laboratório imaginado” a partir do Departamento de Cultura, representativo dos aspectos culturais e físicos do povo brasileiro, acervo concebido como patrimônio nacional.

Diferentemente do ideário da instituição cultural do município de São Paulo, que propugnava a adoção de orientações científicas em seus estudos, o cenário intelectual paraense da década de 1930 situava o folclore como área associada à literatura. Isto era questão de debate e reflexão por parte de literatos locais, como demonstra uma entrevista de Bruno de Menezes concedida a seu colega escritor Mário Couto e publicada na edição de outubro de

1939 da revista *Terra Imatura*<sup>35</sup>. Bruno deixava clara sua oposição ao que chamava de “literaturazinha de livros de lenda, feitos em gabinete, cheios de verbalismo” e propunha que os autores regionais mostrassem a vida do homem no ambiente amazônico.

Neste ponto, na avaliação de Mário Couto, Bruno de Menezes seguia os passos modernistas de Jorge de Lima e de Mário de Andrade, especialmente por fazer “poesia para o povo”. Na expressão de Bruno, a poesia deveria “descer à multidão”, evitar um “caráter exclusivamente amazônico”, com “poeminhas falando em iaras, botos e outras bobagens”. A paisagem natural seria assim secundária diante do “homem”, que deveria ser tratado como protagonista. Por isso, Bruno considerava “Batuque” como uma obra que escapava ao regionalismo ou à descrição da paisagem natural, para dedicar-se ao “povo”, apartado da “elite que lê poemas franceses”. Portanto, o folclore teria um uso quase que político na obra de Bruno, na medida em que viria do “povo” (os socialmente subalternizados) e voltaria para o “povo”, mas num movimento mediado pelo intelectual, no qual se empregava a literatura como instrumento de denúncia e de educação.

Também crítico à literatura de lendas, Mário de Andrade advertia, em artigo publicado na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*<sup>36</sup> de 1936, que o “estudo científico da música popular brasileira” ainda estava “por fazer”. Grande parte das obras dedicadas à investigação do folclore nacional, em sua opinião, fazia colheita de melodias “sem espírito científico”, apesar da “abundância de canções e danças” em espaços rurais e urbanos, disponíveis para a identificação de sua “validade folclórica” (ANDRADE, 1936b, p. 249-250). Para esse fim, anunciava Mário, a Discoteca Pública Municipal de São Paulo havia angariado uma coleção de documentos de música popular, “registrados cientificamente por meios não mecânicos”, coligidos em São Paulo, Minas Gerais, Pernambuco, Mato Grosso, Pará, Amazonas, Paraíba e Rio Grande do Norte (ANDRADE, 1936b, p. 252).

No caso dos documentos de música popular do Pará e do Amazonas, é possível que o acervo que Discoteca Municipal resultasse tanto das coletas pessoais de Mário de Andrade durante a viagem de 1927 quanto dos registros enviados por José Domingues Brandão, Gastão Vieira e Sérgio Olindense. Apesar da existência desse acervo, Mário reivindicava maior rigor metodológico na compilação de novos dados em campo, especificamente na linha das pesquisas etnográficas, capazes de injetar valor científico em estudos folclóricos (ANDRADE, 1936a). Em artigo publicado em jornal de Belo Horizonte também em 1936, o intelectual paulista ressaltava a necessidade de transformar “moços pesquisadores” em “etnógrafos cientificamente abalizados”, aptos a ir à “casa do povo recolher com seriedade [...] o que esse povo guarda e rapidamente esquece, desnordeado pelo progresso invasor” (ANDRADE, 1936a).

<sup>35</sup> COUTO, Mário. Conversa com Bruno de Menezes. *Terra Imatura*. Belém, n. 11, v. 2, p. 26-27.

<sup>36</sup> Uma nota preliminar informa ser o texto uma “contribuição do Prof. Mário de Andrade para o inquérito do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, em Paris”.

Em um ensaio sobre “O folclore no Brasil”, publicado em 1942<sup>37</sup>, Mário denunciava a difusão de compêndios descritivos de folclore como forma de prazer burguês, leituras agradáveis, realizadas como meio de “superiorização social das classes burguesas” (ANDRADE, 2019, p. 23). Sua crítica se assemelhava ao desdém devotado a burgueses vitorianos por artistas de vanguarda ingleses e franceses, da segunda metade do século XIX, que se opunham ao sentido utilitário da arte como entretenimento (GAY, 2001, p. 51). Para o intelectual paulista, o folclore deveria ser concebido (e praticado) como um “processo de conhecimento” e não como uma vertente literária. Para isso, viriam a atuar contra o “folclorismo de gabinete” instituições como o Departamento de Cultura de São Paulo e o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, ambas criadas na década de 1930 (ANDRADE, 2019, p. 23-32).

Segundo Mário, esses órgãos culturais trabalhariam em uma linha científica, promovendo a integração do folclore com áreas das ciências humanas, tais como “etnografia, história, sociologia, antropogeografia e geografia humana”. O surgimento de outras organizações de estudo do folclore, tais como a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (fundada por Arthur Ramos em 1941) e a Sociedade Brasileira de Folclore (também de 1941, criada por Luís da Câmara Cascudo) sinalizava, na opinião de Mário, o aprofundamento de ações contra o “folclorismo de gabinete”. Daí resultariam estudos monográficos de folclore pautados em orientações técnicas e atitudes científicas distantes do voluntarismo literário (ANDRADE, 2019, p. 35-48).

Ocorre na década de 1930, portanto, um deslocamento da concepção de Mário de Andrade da pesquisa folclórica de “atividade mais ou menos diletante de escritores, poetas e músicos” para o campo das “ciências sociais e antropológicas” (TRAVASSOS, 2002, p. 93). O problema, já nas primeiras décadas do século XX, era que pesquisadores do folclore podiam identificar sua seara de atividades tanto como tradições populares em si, quanto como área de estudo, o que tornava abordagens teóricas indistintas do objeto de investigação (ORTIZ, 1992, p. 53, 57).

Este debate desencadeou-se num momento de institucionalização e profissionalização da Antropologia no Brasil (anos 1930) (BOTELHO, 2013, p. 36) (CAMPOS, 2015, p. 108). Neste período, segundo Soares (1983, p. 7-8), Mário de Andrade percebeu a “necessidade de aproximar os estudos de folclore da universidade”, como exemplifica a capacitação de funcionários do Departamento de Cultura para a pesquisa etnográfica<sup>38</sup>. A criação da Sociedade de Etnografia e Folclore e a realização do Curso de Etnografia, ministrado por Dina

<sup>37</sup> O ensaio “O folclore no Brasil”, escrito em outubro de 1942, fazia parte do *Handbook of Brazilian Studies*, coordenado por Rubens Borba de Moraes e William Berrien, com financiamento do *American Council of Learned Societies*. O adiamento da publicação do livro, por conta do ingresso dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, redirecionou a publicação do texto de Mário para o *Manual bibliográfico de estudos brasileiros* (Rio de Janeiro: Gráfica Editora Souza), obra organizada por Moraes e Berrien em 1949.

<sup>38</sup> Dentre eles, Oneyda Alvarenga, Luís Saia, José Bento Faria Ferraz, Antônio Rubbo Müller e Mário Wagner Vieira da Cunha.

Dreyfus, foram ações institucionais chefiadas por Mário de Andrade em torno da formação de quadros para a pesquisa científica da cultura (CAMPOS, 2015, p. 117; SANDRONI, 2002, p. 241). Seu resultado mais significativo foi a organização da Missão de Pesquisas Folclóricas, realizada no primeiro semestre de 1938.

A despeito do esforço de afastar-se do autodidatismo e do colecionismo de folcloristas literatos (SANTOS, 2012, p. 142; ORTIZ, 1992, p. 59), a missão idealizada por Mário de Andrade e liderada por Luís Saia, um dos alunos do curso de Dina Dreyfus, concentrou-se no registro de cantos, de danças populares, de rituais, de traços arquitetônicos e de artefatos. O interesse pela coleta de um repertório numeroso se contrapunha ao princípio etnográfico de pesquisa de longa duração e de convívio aprofundado com os sujeitos em campo. Como resultado, os dados coletados tendiam a ser retirados de seu contexto sociocultural, realidade onde se travam as relações entre os agentes que lhes dão sentido (BRUMANA, 2008, p. 80).

Em todo caso, a Missão de Pesquisas Folclóricas compôs o cenário de nascimento da pesquisa antropológica no país, particularmente por sua ênfase no estudo sistemático de manifestações culturais. Mário de Andrade não pôde viajar com a missão por conta de seu cargo de direção no Departamento de Cultura e pela situação política desfavorável surgida desde a instalação do Estado Novo em fins de 1937 (CARLINI, 1994, p. 48). Apesar disso, o intelectual paulista atuou como o mentor da equipe e orientador das atividades de pesquisa com instruções repassadas ao grupo antes da viagem<sup>39</sup> e por meio da troca de correspondências.

Entre essas recomendações constava a orientação de “registrar no Pará quatro ranchos diferentes de Boi Bumbá”. Era necessário atentar para a “data final do Boi Bumbá no São João: 24 de junho”. Em comparação com o repertório a ser coletado no Nordeste, Mário considerava a música popular paraense de pouca importância folclórica. As únicas expressões de valor tradicional para a coleta realizada pela missão seriam a pajelança (“a feitiçaria de lá”) e o boi bumbá (CARLINI, 1994, p. 43).

Dois anos depois da partida da Missão de Pesquisas Folclóricas, a revista *Pará Ilustrado*, em edição de 15 de junho de 1940, enaltecia a intensidade dos “tradicionais festejos” dos santos juninos. As festas nos subúrbios, isto é, nos bairros pobres, teriam mais vida e animação na opinião do autor da matéria. Nos “numerosos parques de diversões” se exibiriam os “grupos de bichos e os bois bumbás próprios da época” que, segundo o articulista, teriam a capacidade de tornar visível “o sentir da alma popular”<sup>40</sup>.

Portanto, o ambiente suburbano, simbolicamente vizinho ao mundo rural (nos escritos dos jornalistas da época), traria mais proximamente para a cidade a autenticidade “popular” dos festejos juninos, demonstrada pelas apresentações de grupos de bois e de bichos. Evidencia-se aqui uma interpretação socioespacial do sentido desses eventos, em que o fol-

<sup>39</sup> Segundo Carlini (1994, p. 42), as instruções finais transmitidas aos membros da missão foram inscritas em documento sem data, com o título “Pesquisas Outras”. Na lista de recomendações, estavam as manifestações folclórico-musicais cujo registro deveria ser priorizado pela expedição.

<sup>40</sup> PARÁ ILUSTRADO. Belém em plena quadra joanina. Belém, n. 61, 15 jun. 1940, p. 10.

clore, no entendimento de jornalistas, poderia acompanhar as novas comédias e seus roteiros inovadores ao lado do velho drama da morte do boi.

É o que aponta o artigo de Bruno de Menezes publicado também na *Pará Ilustrado* em 29 de junho de 1940<sup>41</sup>. O poeta folclorista evocava a rua como topo literário, representativo das festas juninas. O texto intitulado “Junho saudoso e passadista” relacionava a condição tradicional do festejo com a presença das cantigas e danças do povo (“plebeias”). A música “distante” e “soturna” dos bumbás da “quadra folclórica” do presente, cadenciada pelos “ritmos dos pandeiros”, associava-se à saudade dos tempos pretéritos, época das festas das Senzalas que mobilizavam a Casa Grande.

Distante de referências literárias à nostalgia ou à condição plebeia das festas populares, Mário de Andrade incorporava os cordões de bumbás e de bichos na definição genérica de “dança dramática”. Ao seu ver, tratava-se de bailados coletivos com conteúdo dramático assinalado por textos, músicas e danças próprias a um tema tradicional. Mário tomava como inspiração uma modalidade musical para elaborar essa concepção. A suíte, conjunto de movimentos musicais combinados a séries de peças coreográficas, era o espelho onde o pesquisador mirava essa noção, refletida em diversas manifestações culturais populares que combinavam música, dança e representação teatral<sup>42</sup> (ANDRADE, 1959, p. 21-22).

Em texto publicado preliminarmente como excerto na edição de 1935 da *Revista Brasileira de Música*, o intelectual paulista defendia a tese evolucionista de que as danças dramáticas possuíam um fundo religioso<sup>43</sup>. Apoiado nas ideias de antropólogos como Lucien Lévy-Bruhl e Arthur Ramos, Mário de Andrade afirmava que o complexo de crenças e rituais em torno da morte e ressurreição de animais (bem como cultos totêmicos a animais e vegetais) derivava da carência técnica do “homem primitivo” (que o levava a venerar forças superiores) e havia chegado ao tempo presente como sobrevivência da mística primitiva nas festas populares (ANDRADE, 1959, p. 22-24).

O ensaio surgido na *Revista Brasileira de Música*, em 1935, foi continuamente ampliado até 1944 e apareceu em publicação *post-mortem* como introdução aos três volumes de *As danças dramáticas do Brasil* (1959), organizados por Oneyda Alvarenga. Sua orientação teórica estipulava a existência de danças dramáticas mais ou menos “intimamente populares”, mais ou menos “folclóricas e anônimas”, em função da ligação com a matriz primitiva. Em todos os casos, no entanto, o “elemento profano” teria avançado diante da crença religiosa, atribuindo às manifestações um sentido predominantemente teatral e musical, na forma de “bailados tradicionais populares” (ANDRADE, 1959, p. 29-32).

<sup>41</sup> MENEZES, Bruno de. Junho saudoso e passadista. *Pará Ilustrado*. Belém, n. 62, 29 jun. 1940, p. 13.

<sup>42</sup> Mário de Andrade propunha as seguintes modalidades de danças dramáticas: Pastoris e Cheganças (de origem ibérica); Embaixadas (como Congos e Maracatus), Cabocolinhos e Reisados (de origem afro-ameríndia).

<sup>43</sup> ANDRADE, Mário de. Origens das danças dramáticas brasileiras (excerto). *Revista Brasileira de Música*, v. 2, 1º fascículo (separata), mar. 1935, p. 1-6.

Dentre as danças dramáticas brasileiras, ocorria então o declínio daquelas praticadas no Nordeste, no julgamento do intelectual paulista. Já na Amazônia, elas persistiriam “ainda com muita vida [...] [no] tempo do São João”. Conforme suas leituras, Mário apontava o naturalista inglês Henry Bates, que viajou pela Amazônia brasileira entre os anos de 1848 e 1859, como o primeiro pesquisador a mencionar a ocorrência de grupos de dançarinos vestidos de animais (tapir, jaburu) nas festas de São João. Outra referência de estudo de cordões de bicho conhecida pelo modernista era um artigo de Jorge Hurley, publicado na edição de 3 de outubro de 1930 do jornal *O Paiz* (RJ), em que o autor apresentava toadas do boi bumbá da cidade de Ourém, no Pará (ANDRADE, 1959, p. 33-40)<sup>44</sup>.

Mário identificava clara correspondência entre o boi descrito por Hurley, sua dança e seus cantos, com o cordão de pássaro por ele acompanhado em Caiçara, no Amazonas, em 1927, que entoava uma ciranda, “cantiga de translação do rancho pelas ruas”, na véspera da festa de Santo Antônio (ANDRADE, 1959, p. 33, 40). O registro do viajante paulista descreve o cordão como “um bando de festeiros” que “marchavam em bamboleio saltitado”. Personagens fantasiados com cocares indígenas, penas de arara e flores praticavam dança de roda e outras semelhantes às do boi bumbá, acompanhados por cantoria, palmas e música de violões e cavaquinhos. O personagem chave do folguedo era o pássaro Carão, cuja história de morte e salvamento seria, na opinião do visitante, “a parte mais viva da festa”. Em sua opinião, a “gente adulta mais primitiva” de Caiçara realizava aquela “trapalhada dramática” inspirada no modelo dos folguedos de boi, animal que ali, entre “gente ictiófaga”, era substituído pelo Carão (ANDRADE, 1976, p. 335-336).

O Boi de Ourém e o Cordão de Carão de Caiçara estariam, na avaliação do pesquisador paulista, no grupo das danças dramáticas amazônicas “mais íntegras”, por possuir como “drama único a morte e ressurreição” de animais “cercado dos seus personagens humanos tradicionais” (ANDRADE, 1959, p. 51-52). Mário parecia concordar plenamente com a tese de Hurley de que “o folclore amazoniense (sic) (Pará e Amazonas) abre uma exceção, distinta, ao folclore brasileiro, pelo enxerto preponderando dos costumes selvagens ainda bem palpantes” (HURLEY, 1934, p. 139).

## Folclore/etnografia: do “povo” para o “povo”

A “utopia amazônica” de Mário de Andrade repousava sobre um sentido particular de primitivismo (como aquele das manifestações folclóricas), entranhado na sensibilidade popular, onde estariam as matrizes da “civilização tropical” brasileira (BOTELHO, 2013, p. 20, 27). Seu “vasto programa de levantamento de traços culturais nacionais” encontrou na Amazônia a “ânsia pela não civilização”. Mário descobriu na região, segundo sua percepção,

<sup>44</sup> HURLEY, Jorge. O Boi Bumbá de Ourém. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 3 out. 1930.

um cenário de liberdade diante de códigos de conduta, um Brasil profundo, mais primitivo, menos alterado pela civilização e, por isso, fonte preciosa de tradições ancestrais manifestadas no folclore (JARDIM, 2005, p. 44, 122, 139).

Cordões de bichos e de bumbás amazônicos seriam exemplares típicos de criações puras, livres e funcionais, no mesmo sentido em que Mário definira os improvisos de cantadores tradicionais do Nordeste em ensaio publicado em 1944<sup>45</sup>. Ao mesmo tempo, em sua avaliação, a coleta do conteúdo das exposições dos cordões e o estudo criterioso de sua criação e difusão ajudariam a modernizar as artes e a cultura no país por meio do seu abasileiramento. As noções de povo e de popular seriam ponto de partida e de chegada desse projeto intelectual, que se estenderia por entre regiões do país e por classes sociais de forma homogênea.

Nos textos de Mário de Andrade e de Bruno de Menezes, a evocação da noção de povo a situa como objeto separado do mundo letrado. Os estudos folclóricos de Mário tendiam a marcar as diferenças culturais percebidas entre “eles” (o povo) e “nós” (indivíduos “cultos”, “educados”) (TRAVASSOS, 2002, p. 99). Ao seu ver, traços da “mentalidade primitiva” poderiam estar latentes em manifestações como cordões de bumbás e de bichos, ignorados por intelectuais propagadores da cultura erudita. Em alguns momentos da obra de Mário, a definição de povo oscila entre as camadas pobres e a comunidade nacional, mas é sempre um agente que se manifesta de modo instintivo, diferentemente do trabalho consciente de artistas, escritores e cientistas (TRAVASSOS, 1997, p. 93, 158). O aprimoramento dos estudos de folclore com o uso da etnografia seria apenas o passo necessário para a produção de monografias resultantes de investigações “científicas”. Para Mário, os resultados desses estudos poderiam ser futuramente aproveitados por músicos, literatos e outros artistas na produção da arte nacional<sup>46</sup>.

Por seu turno, a obra literária e folclórica de Bruno de Menezes, ao pretender falar em nome dos (e representar os) subalternizados, reivindicava ao trabalho intelectual um montante de poder discursivo que contribuía para elevar o seu valor artístico (FOUCAULT, 1979, p. 72). Talvez seja este um dos motivos para o sucesso de “Batuque” entre escritores paraenses dos anos de 1930 e 1940. Caminhos inseparáveis num amplo projeto erudito vigente no Brasil entre os anos de 1920 e 1940, literatura, folclore e etnografia foram empregados por sujeitos que fomentaram o intercâmbio de ideias e contribuíram para a elevação do “popular” ao patamar do “cultural”. Com o auxílio fundamental dos brincantes, os homens de letras daquela época contribuíram para transformar a brincadeira do boi em assunto sério.

<sup>45</sup> ANDRADE, Mário de. Seção Mundo Musical. O cantor. *Folha da Manhã*. São Paulo 6 jan. 1944, p. 7.

<sup>46</sup> Talvez por isso tenha Mário de Andrade se apresentado, em algumas ocasiões, mais como um “estimulador” do que um “convertido à ciência” (VALENTINI, 2010, p. 79).

## Correspondências

BRANDÃO, José Domingues. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 22 de abr. 1928, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL1453.

BRANDÃO, José Domingues. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 20 de jun. 1928, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL-1454.

MENEZES, Bruno de. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 12 maio 1928, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL4689.

OLINDENSE, Sérgio. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 10 dez. 1927, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5505.

OLINDENSE, Sérgio. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 9 abr. 1928, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5506.

OLINDENSE, Sérgio. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 29 abr. 1929, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5508.

OLINDENSE, Sérgio. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 26 set. 1929, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL5509.

VIEIRA, Gastão. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 7 nov. 1927, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL6932

VIEIRA, Gastão. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 5 fev. 1928, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL6933

VIEIRA, Gastão. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 10 maio 1928, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL6936.

VIEIRA, Gastão. [*Correspondência*]. Destinatário: Mário de Andrade. 23 nov. 1928, Acervo Documental do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, Coleção Mário de Andrade. Código de Referência: MA-C-CPL6939.

## Jornais

- Diário Nacional* (SP), ano 1, n. 33, 20 ago. 1927.  
*Diário Nacional* (SP), ano 1, n. 112, 20 nov. 1927.  
*Diário Nacional* (SP), ano 1, n. 225, 1º abr. 1928.  
*Diário de Pernambuco* (PE), ano 99, n. 170, 25 jul. 1924.  
*Jornal do Commercio* (RJ), ano 150, n. 181, 8 maio 1977.  
*Folha da Manhã* (SP), ano 19, n. 6.081, 6 jan.1944.  
*Síntese* (MG), ano 1, n. 1, out. 1936.

## Revistas

- Belém Nova*, v. 1, n. 17, 28 jun. 1924  
*Pará Ilustrado*, n. 61, 15 jun. 1940.  
*Pará Ilustrado*, n. 62, 29 jun. 1940.  
*Revista Brasileira de Música* (Separata), volume II, 1º fascículo, mar. 1935.  
*Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, Departamento de Cultura, n. 19, p. 249-262, 1936.  
*Terra Imatura*, v. 2, n. 11, out. 1939.

## Fontes primárias

- ANDRADE, Mário de. Origem das danças dramáticas brasileiras. *Revista Brasileira de Música* (Separata), v. II, 1º fascículo, março de 1935.  
ANDRADE, Mário de. A situação etnográfica do Brasil. *Jornal Síntese*, Belo Horizonte, n. 1, ano 1, outubro de 1936a.  
ANDRADE, Mário de. A música e a canção populares no Brasil. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, Departamento de Cultura, n. 19, p. 249-262, 1936b.  
ANDRADE, Mário de. *O movimento modernista*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.  
ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. 3 v., São Paulo: Martins, 1959.

- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.
- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Brasília-DF: Iphan, 2015.
- ANDRADE, Mário de. *As melodias do boi e outras peças*. São Paulo / Brasília: Duas Cidades / Instituto Nacional do Livro, 1987.
- ANDRADE, Mário de. *De pauliceia desvairada a lira paulistana*. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2019.
- BOPP, Raul. *Movimentos modernistas no Brasil, 1922-1928*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1966.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. Mário de Andrade. *Boletim Ariel*, n. 9, jun. 1934.
- CASTELLO BRANCO, Carlos Heitor. *Macunaíma e a Viagem Grandota: cartas inéditas de Mário de Andrade*. São Paulo: Quatro Artes Editora, 1970.
- HURLEY, Jorge. Itarána. Pedra Falsa. Lendas, mythos, itaránas e “folk-lore” amazônicos. Separata do v. IX da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Pará*. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto D. Macedo Costa, 1934.
- OLIVEIRA, José Coutinho de. *Lendas Amazônicas*. S.I.: s.n., 1916.
- RAMOS, Pio (Aldo Guajará). *De Bubuia. Aspectos e assuntos regionais paraenses. Folk-lore*. Belém: Livraria Gillet, 1925.

## Referências

- BOTELHO, André. A viagem de Mário de Andrade à Amazônia entre raízes e rotas. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, n. 57, p. 15-50, dez. 2013.
- BRUMANA, Fernando Giobellina. Mário de Andrade y la *Missão de Pesquisas Folclóricas* (1938): una etnografia que no fue. *Revista de Indias*, v. LXVI, n. 237, p. 545-572, 2006.
- BRUMANA, Fernando Giobellina. Une ethnographie ratée: le modernisme brésilien, le département de Culture de São Paulo et la *Missão de Pesquisas Folclóricas*. *Gradhiva, Revue d'Anthropologie et d'Histoire des Arts*, n. 7, 2008.
- CAMPOS, Luna. Os usos da etnografia nas viagens de Mário de Andrade. *Revista Ensaios*, v. 9, p. 107-124, jul.-dez. 2015.
- CARLINI, Álvaro. *Cante lá que gravam cá: Mário de Andrade e a Missão de Pesquisas Folclóricas de 1938*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

- CAVALCANTI, Maria Laura. *Reconhecimentos: antropologia, folclore e cultura popular*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012.
- CAVALCANTI, Maria Laura. Mário de Andrade, folclorista. In: ANDRADE, Mário de. *Aspectos do folclore brasileiro*. São Paulo: Global, 2019. p. 147-170
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20*. Belém: IAP, 2012.
- FOUCAULT, Michel. Os intelectuais e o poder. Conversa entre Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GAY, Peter. *Guerras do prazer: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. v. 5. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GEIGER, Amir. *Uma antropologia sem métier: primitivismo e crítica cultural no modernismo brasileiro*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.
- JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade: a morte do poeta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- JARDIM, Eduardo. *Mário de Andrade, eu sou trezentos: vida e obra*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2015.
- ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'Água, 1992.
- PEREIRA, João Carlos. Bruno, a poesia. In: MENEZES, Bruno. *Obras completas de Bruno de Menezes*. V. 1, obra poética. Belém: Secretaria Estadual de Cultura; Conselho Estadual de Cultura, 1993. p. 15-20
- SANDRONI, Carlos. *Mário contra Macunaíma: cultura e política em Mário de Andrade*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1988.
- SANDRONI, Carlos. Mário, Oneyda, Dina e Claude. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 30, p. 233-245, 2002.
- SANTOS, Rafael José dos. “Todas essas coisas são encantos”: viagens, patrimônio e folclore em Mário de Andrade. *Itacoatiara*, Recife, v. 2, n. 1, p. 128-147, abr. 2012.
- SOARES, Lélia Gontijo. Mário de Andrade e o folclore. In: FUNARTE. *Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, no Departamento de Cultura da Prefeitura do Município de São Paulo, 1936-1939*. Rio de Janeiro / São Paulo: Funarte / Instituto Nacional do Folclore / Secretaria Municipal de Cultura, 1983.
- TRAVASSOS, Elizabeth. *Os mandarins milagrosos: arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók*. Rio de Janeiro: Funarte; Jorge Zahar, 1997.
- TRAVASSOS, Elizabeth. *Modernismo e música brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- TRAVASSOS, Elizabeth. Mário e o folclore. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 30, p. 91-109, 2002.

VALENTINI, Luísa. *Um laboratório de antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2010.